

IMIGRANTES INTERNACIONAIS E AS LOCALIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS DE CLASSES

Elaine Meire Vilela
Flavia Pereira Xavier

RESUMO

Esse artigo tem como objetivos centrais: a) verificar se há grupos de imigrantes internacionais “recentes”, residentes no Brasil, com maiores chances de se localizarem em estratos ocupacionais intermediários, quando comparados aos nativos; b) identificar quais são esses grupos de imigrantes e quais as posições de maior concentração dos grupos; e c) analisar se um menor tempo de residência na sociedade hospedeira afeta positivamente a inserção dos imigrantes em ocupações de classes intermediárias. Essas ideias baseiam-se na discussão de Bonacich (1973) e seus críticos sobre a concentração dos imigrantes em uma situação de *middleman*.

Verificamos que, comparados aos brasileiros migrantes internos, os imigrantes interna-

cionais, em geral, têm maiores chances de se inserirem em posições intermediárias de classe; as localizações ocupacionais de maior concentração dos imigrantes internacionais são as de autônomo e pequeno empregador, e não as de trabalhadores em geral. No entanto, verificou-se que há desproporcionalidade nas chances de sua inserção em ocupações intermediárias, considerando a origem nacional. Destacamos que o fato de os imigrantes ficarem ou pretenderem ficar por mais tempo no destino, ou até mesmo permanecer para sempre em tal lugar, afeta positivamente as chances de eles se concentrarem em posições de autônomo ou de pequeno empregador, contrariando a proposta de Bonacich (1973).

PALAVRAS-CHAVE

Imigrantes internacionais, origem, localização intermediária, tempo de residência.

São diversos os estudos que buscam compreender a inserção dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho da sociedade hospedeira (Bonacich, 1973; Piore, 1979; Wilson e Portes, 1980; Wilson e Martin, 1982; Portes e Bach, 1985; Aldrich e Waldinger, 1990; Portes, 1995; Van Tubergen, Maas et al., 2004; Kesler e Hout, 2010). Entre esses estudos, salientamos aqui o trabalho de Edna Bonacich (1973) que busca entender o processo de inserção dos imigrantes nas localizações intermediárias de classes no mercado de trabalho e, principalmente, os fatores determinantes dessa inserção. Segundo a autora, diversos grupos de imigrantes, ao fixarem residência na sociedade de destino, ocupam posições intermediárias na hierarquia ocupacional, mais do que as posições na base da hierarquia, contrapondo ao argumento de alguns estudiosos do assunto, entre eles o de Piore (1979).

A autora afirma que determinados grupos de imigrantes tendem a se concentrar em certas ocupações, principalmente de intercâmbio e de comércio, cumprindo uma função de intermediários entre produtores e consumidores, empregadores e empregados, elite e massa, que lhe proporcionam mobilidade ascendente na hierarquia socioeconômica ocupacional no local de destino. Além disso, os imigrantes buscam ocupações flexíveis, liquidáveis, autônomas, isto é, atividades econômicas que não estabeleçam vínculos empregatícios formais no mercado aberto corrente para que, no futuro, não encontrem empecilhos para retornarem à terra natal.

A variável chave explicativa para a ocorrência desse fato, segundo a autora, refere-se ao tipo de migração feita pelos indivíduos, isto é, se ela é temporária ou se tem o caráter permanente. Bonacich (1973) argumenta que o primeiro tipo, isto é, a migração temporária, é que determina a inserção dos imigrantes em localizações de classes intermediárias. Fundamentada nessa ideia, ela coloca como pontos secundários dois outros argumentos que, até então, buscavam explicar a questão, quais sejam: a hostilidade da sociedade hospedeira que levaria a uma resposta dos imigrantes à discriminação, motivando-os para o sucesso; e a não existência de um grupo de *status* intermediário em sociedades divididas em dois grupos polarizantes (por exemplo, na sociedade feudal, em que existia uma lacuna entre camponeses e aristocratas donos de terras).

Percebemos que, para Bonacich (1973), a migração temporária, na qual o imigrante tem o desejo de retornar, não é uma condição suficiente para explicar a concentração de grupos de imigrantes em ocupações de *middleman*, mas é uma condição necessária. Entretanto, vale destacar que os argumentos de Bonacich são alvos de diversas críticas, as quais apresentaremos ao longo do texto. Fundamentado nos debates suscitados pela abordagem de Bonacich (1973) e nas suas críticas, este estu-

do propõe analisar os imigrantes internacionais residentes no Brasil e a sua inserção no mercado de trabalho, verificando suas localizações de classes e os fatores associados a tal inserção.

Esse artigo divide-se em três partes, além dessa introdução e das considerações finais. A primeira parte apresenta uma discussão teórica sobre a inserção dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho e, em específico, nas localizações de classe intermediárias. A segunda, apresenta a fonte dos dados, as variáveis e os modelos de análise. A terceira parte se refere aos resultados da pesquisa, isto é, à compreensão dos perfis dos grupos em estudo, a partir do exame descritivo dos dados e dos modelos de análises estatísticas propostos, com o intuito de alcançar os objetivos listados acima.

OS IMIGRANTES INTERNACIONAIS E AS POSIÇÕES INTERMEDIÁRIAS DE CLASSES

Diferentemente dos estudos brasileiros que focam o indicador de cor/raça para a análise dos determinantes de segregações ocupacionais no mercado de trabalho, as pesquisas, nos Estados Unidos e na Europa, têm como categoria relevante de verificação de estratificação social também o indicador de “descendência”, baseado em origem étnico/nacional (Wilson e Portes, 1980; Portes e Bach, 1985; Portes, 1995; Raijman e Tienda, 2003; Guimarães, 2009; Kesler e Hout, 2010).

Nos países de imigração, são diversas as pesquisas que buscam verificar em que localização na hierarquia ocupacional se encontram os imigrantes internacionais e seus descendentes; se eles se inserem em piores situações de *status* e rendimentos comparados aos nativos; e se os grupos étnicos apresentam uma mobilidade social na sociedade hospedeira (Bonacich, 1973; Piore, 1979; Wilson e Martin, 1982; Portes e Bach, 1985; Sanders e Nee, 1987; Aldrich e Waldinger, 1990; Light, Sabagh *et al.*, 1994; Light, Bozorgmehr *et al.*, 1995; Light, 2002; Raijman e Tienda, 2003; Halter, 2007; Kesler e Hout, 2010).

A partir desses estudos, algumas abordagens surgiram. Entre essas, a de Bonacich (1973) sobre a inserção dos imigrantes nas localizações intermediárias de classe na estrutura ocupacional. Segundo a autora, certos grupos de imigrantes investem em pequenos empreendimentos étnicos e no trabalho autônomo, os quais são um local de posições ocupacionais típicas de *middleman*, isto é, posições de classes mediadoras entre empregadores e empregados, bem como entre elite e massa. Entendemos, assim, que essas são ocupações que não demandam grande investimento em capital (como os negócios de pequenos empregadores) ou que conferem aos seus ocupantes rendas de qualificação (trabalhador autônomo e empregados especialistas

e qualificados) ou de lealdade (gerentes e supervisores), sendo esta última ocupação, muitas vezes, ligada aos negócios de co-étnicos¹. Dessa forma, a autora argumenta que esses imigrantes ocupam mais posições intermediárias do que aqueles na base da hierarquia ocupacional. Essa afirmativa contrapõe-se ao argumento da teoria do mercado segmentado que diz que são os trabalhos oferecidos na base da hierarquia ocupacional, os do setor secundário – ocupações precárias, inseguras e de mais baixa remuneração – os locais de inserção dos imigrantes internacionais (Piore, 1979).

Podemos dizer que os negócios econômicos de imigrantes ligados, principalmente, ao pequeno proprietário, ao trabalho autônomo e às ocupações de gerência e de supervisão são posições típicas intermediárias de classes, como proposto por Bonacich (1973)² e, portanto, são essas posições as de concentração dos imigrantes. Segundo a autora, não há um consenso na literatura sobre os fatores determinantes desse fenômeno. Ela identifica duas explicações sobre esses fatores, as quais ela critica. A primeira se refere à reação hostil da sociedade hospedeira contra a distinção racial, cultural e/ou religiosa dos grupos étnicos³. Essa hostilidade exclui os imigrantes de ocupações desejáveis pelos nativos. Em resposta a essa exclusão, os imigrantes fecham-se em grupos, formando comunidades solidárias, com esforços para superarem dificuldades, a partir de redes sociais de ajuda mútua. Assim, esses imigrantes escapam do mercado de trabalho aberto e das ocupações indesejáveis, investindo em seus pequenos negócios ou se inserindo em ocupações de empresas de co-étnicos e em empregos autônomos (Bonacich, 1973).

Entretanto, segundo Bonacich (1973) e Kesler e Hout (2010), esse argumento não é satisfatório para explicar o envolvimento de grupos de imigrantes em empreendimento étnico, em ocupações de *middleman*. Kesler e Hout (2010) demonstram que há grupos étnicos hostilizados pela sociedade de destino, discriminados e em

¹Empregadores de mesma etnia dos empregados.

²Vale destacar que Aldrich e Waldinger (1990) demonstraram que há certa incapacidade, entre economistas e sociólogos, de fazerem distinção entre empresários, proprietários e trabalhadores autônomos. Por isso, eles incluem todas essas categorias em uma só que eles definem como proprietários e operadores de empresas privadas. Como veremos, para essa classificação também encontramos dificuldades em nosso estudo, o que discutiremos mais para frente.

³O termo Grupo étnico implica que os membros tenham uma consciência de grupo e uma crença em origem e cultura comum, ou que os “outros” acreditem na existência dessa consciência. Aldrich e Waldinger (1990) assumem que pessoas que compartilham nacionalidade e experiência migratória comuns podem ser agregadas em grupos étnicos. A partir disto, assumimos nesse artigo a origem nacional como sinônimo de etnicidade.

desvantagem no mercado de trabalho, que entraram no ramo de negócios próprios; e outros grupos, igualmente ou até mais hostilizados, expulsos do mercado aberto corrente, que não o fizeram. Um exemplo clássico disso é o trabalho apresentado por Light (1972) sobre os chineses, os japoneses e os afro-americanos. Segundo o autor, todos esses grupos sofrem discriminação na sociedade americana, entretanto, apenas os dois primeiros entraram, em número significativo, no ramo dos empreendimentos.

A segunda justificativa para a concentração de imigrantes em posições intermediárias, exposta e criticada por Bonacich (1973), encontra-se na idéia de uma falha de *status* nas sociedades, marcada pela divisão entre elite e massa. Os exemplos são o fosso existente entre camponeses e aristocracia nas sociedades feudais, e entre representantes do poder imperial e os nativos nas sociedades coloniais (Bonacich, 1973). Outro exemplo que podemos dar é o resultado encontrado por Makabe (1981), em seu estudo sobre os japoneses no Brasil e no Canadá no início do século XX, de um mercado polarizado, dividido por duas classes sociais ou categorias de pessoas no Brasil, quais sejam: os poucos proprietários de grandes terras (os latifundiários) e a massa que pouco ou nada possuía (ex-escravos ou indígenas). Assim, os japoneses, no Brasil, não encontraram dificuldades para se inserirem na classe média sem criar relações competitivas entre populações. O que não ocorreu com tal grupo no Canadá, onde havia uma classe média para competir.

Debatendo com esses dois argumentos, Bonacich (1973) apresenta uma explicação alternativa. Ela desenvolve um modelo que incorpora em parte as ideias acima expostas. Segundo a autora, as variáveis que afetam a posição dos imigrantes no mercado de trabalho são o tipo de migração, a hostilidade da sociedade hospedeira e a solidariedade de grupo. Nada obstante, ela afirma que a mais determinante delas é o tipo de migração, isto é, se esta é temporária ou se é permanente. Ou seja, é a desejabilidade de retorno do imigrante à origem que determina as chances de sua inserção em localizações intermediárias no mercado de trabalho. Para a autora, a migração temporária não é uma condição suficiente para explicar a concentração de grupos de imigrantes em ocupações de *middleman*, mas é uma condição necessária.

A ideia por trás do argumento de Bonacich (1973) é que os imigrantes temporários buscam ocupações flexíveis, liquidáveis, isto é, atividades econômicas que não estabeleçam vínculos empregatícios formais no mercado aberto para que, no futuro, não tenham empecilhos para retornarem à terra natal. E, segundo a autora, as ocupações localizadas nas classes intermediárias proporcionam tal flexibilidade e tal liquidez. Roberts (1995) chama a atenção, assim como Bonacich (1973), para o fator temporal como determinante também de um ajustamento econômico dos imigrantes no mercado de trabalho. Segundo o autor, para muitas pessoas, a migração

é provisória, temporária, motivo pelo qual resistem em fazer investimento de longo prazo, tais como comprar casa ou aplicar para naturalização ou fazerem investimentos pesados. Assim, espera-se que quanto maior o tempo de residência na sociedade de destino, maior a probabilidade de investimento em grandes negócios.

De acordo com Aldrich e Waldinger (1990), o argumento de Bonacich é sujeito a várias críticas. Primeiro, porque o modelo apresentado pela autora é a-histórico. Segundo, a afirmativa de que os imigrantes temporários optam mais por se tornarem pequenos empresários e menos por empregados, como melhor forma de acumular capital, é vulnerável diante das bases lógicas e empíricas. Isso porque a criação de uma empresa, mesmo que pequena, é uma ação muito mais arriscada do que assumir a função de empregado. As chances de sucesso do investimento são bem duvidosas, levando a um imigrante temporário prudente preferir a posição de empregado. Terceiro, a afirmativa de que o imigrante prefere contratar trabalhadores co-étnicos e manter as firmas pequenas, quando o mercado permite a expansão dos negócios, não se sustenta uma vez que é baseada em um princípio de que as minorias *middleman* não apresentam orientações de um capitalista moderno.

Essas críticas, segundo Aldrich e Waldinger (1990), fundamentam-se em pesquisas que buscam compreender esse processo e que apresentam resultados diversos do argumento de Bonacich (1973). O estudo de Ward (1987, apud Aldrich e Waldinger, 1990), de sul-asiáticos na Inglaterra, identifica que os imigrantes só investem em negócios próprios em cidades onde a disponibilidade de trabalho é rara. Pesquisas também constataam que o fato de ser um migrante temporário não faz diferença nas decisões de investimento em negócios étnicos. As evidências são de que os asiáticos na Inglaterra, e os coreanos em Nova York, os quais não são menos “temporários” do que os hispânicos, são aqueles que contam com um percentual maior de empreendedores do que esses últimos (Aldrich e Waldinger, 1990). As pesquisas demonstram também que minorias *middleman* contratam pessoas que não são membros do grupo étnico, por exemplo, os coreanos – proprietários de fábricas de vestuário em Nova York, em Los Angeles e no Brasil, que contratam trabalhadores latinos (Min, 1988 apud Aldrich e Waldinger, 1990; Silva, 1998; 2006).

Segundo Aldrich e Waldinger (1990) e Kesler e Hout (2010), vários fatores são determinantes para concentração desproporcional de grupos de imigrantes no setor de negócios. Aldrich e Waldinger (1990) propõem uma estrutura explicativa baseada em três fatores, quais sejam: a) a estrutura de oportunidades, isto é, as condições do mercado que podem favorecer produtos ou serviços orientados para co-étnicos e situações nas quais o mercado dirigido a nativos cresce e pode ser servido por minorias étnicas; b) as características do grupo que incluem os fatores de predisposição para o sucesso, tais como migração seletiva, níveis de aspiração, bem como

a mobilização de recursos via redes sociais; c) e as estratégias do grupo étnico, que emergem da interação entre as oportunidades e as características dos grupos. Esses fatores devem estar inseridos nas condições históricas em constante mudança.

Todavia, ressaltamos que persiste a ideia de que é grande o empreendedorismo étnico na vida socioeconômica da sociedade hospedeira (Aldrich e Waldinger, 1990; Roberts, 1995; Oliveira, 2004; Van Tubergen, Maas et al., 2004, 2007; Kesler e Hout, 2010) e de que imigrantes de origens diferentes variam quanto ao ajustamento econômico na sociedade hospedeira (Aldrich e Waldinger, 1990; Van Tubergen, Maas et al., 2004; Kesler e Hout, 2010). Segundo Van Tubergen, Maas et al. (2004), a origem, mais do que o destino, é um importante fator determinante da localização dos imigrantes no mercado de trabalho.

O setor da economia predominante entre os imigrantes é aquele marcado por pequenos empreendimentos geridos por eles próprios e seus familiares. Segundo Halter (2007), esse fato jogou por terra as previsões feitas por acadêmicos, nos Estados Unidos da América, de que as pequenas empresas desapareceriam e de que a significância da etnia no sucesso econômico reduziria.

Desde a década de 1880 os imigrantes têm representação desproporcional entre os pequenos empreendimentos americanos, e a última onda de recém-chegados ao país tem, mais uma vez, injetado uma nova dose de vitalidade nesse setor da economia (Halter, 2007: 116).

Segundo Halter (2007), uma pesquisa feita pela Fundação Ksuffman, em 2006, identificou que as atividades empreendedoras dos imigrantes internacionais superam aquelas dos nativos americanos. Em 2005, a taxa de empreendedorismo dos imigrantes foi de 0,35%, e as dos americanos natos, de 0,28%. Isto é, “aproximadamente 350 de cada 100 mil imigrantes fundaram um negócio por mês em 2005, contra 280 de cada 100 mil americanos natos” (Halter, 2007: 116).

Há também um consenso na literatura de que alguns grupos étnicos têm taxas de empreendedorismo maiores do que outros grupos, e que essas taxas variam não só entre grupos étnicos, mas entre as sociedades hospedeiras (Kesler e Hout, 2010). Segundo Aldrich e Waldinger (1990), os relatórios históricos mostram as disparidades entre vários grupos étnicos nos Estados Unidos, na Europa e em países da Ásia e América Latina. Segundo eles, a explicação para esse fato encontra-se não apenas nas características dos indivíduos e de seus grupos, mas também nas condições estruturais e culturais das sociedades hospedeiras. Van Tubergen, Maas et al. (2004) complementam essa ideia, argumentando que a explicação está também e, principalmente, na origem dos imigrantes.

Como podemos ver, a questão da inserção dos imigrantes internacionais no

mercado de trabalho é bastante analisada nos Estados Unidos e na Europa, mas ainda pouco explorada no Brasil (Sala, 2005; Silva, 1998; 2006; 2008; Vilela, 2009 e 2011). No intuito de reduzir tal lacuna, nesse artigo propomos responder às seguintes questões: há concentração de determinados grupos étnicos/nacionais em localizações de classe intermediária? Os grupos se distribuem desproporcionalmente entre essas posições? Quais são as principais ocupações de concentração dos imigrantes? É o tempo de residência uma variável chave para explicar a inserção em posições intermediárias, ou é a origem?

METODOLOGIA

Dados

Os dados são provenientes do Censo Demográfico de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁶. Para o presente estudo, selecionamos uma subamostra de 703.432 indivíduos do sexo masculino entre 25 e 60 anos de idade⁷, imigrantes internacionais recentes⁸ que se fixaram no Brasil (argentinos, bolivianos, chilenos, paraguaios, peruanos, uruguaios, chineses e coreanos) e brasileiros migrantes. A seleção de uma amostra de brasileiros migrantes interestaduais (retirando os brasileiros não migrantes) tem o intuito de compararmos grupos mais “homogêneos”, isto é, todos migrantes. Dessa forma, estamos mensurando o efeito da origem e tempo de

⁴ Lembramos aqui que os dados censitários sobre imigração internacional são limitados e, por isto, subestimados, uma vez que há um grande número de imigrantes vivendo no Brasil de forma clandestina e que, por isto, não são computados pelo censo demográfico oficial. As cifras sobre tais imigrantes são desconhecidas. Sabe-se que, no caso dos latino-americanos, os números oficiais encontram-se bem abaixo das estimativas e levantamentos extra-oficiais. O caso dos bolivianos é o mais expressivo (Cf. Ântico, 1998).

⁵ Devido ao nosso interesse em aspectos referentes ao mercado de trabalho (segregação ocupacional e rendimento) e a despeito das diversidades de inserção no mercado de trabalho entre homens e mulheres (Cf. Soares, 2000), este estudo analisa apenas os homens economicamente ativos ou não, entre 25 e 60 anos de idade. A idade mínima de 25 está relacionada à idéia de que pessoas com esta idade já concluíram os estudos e, provavelmente, encontram-se inseridos no mercado de trabalho; e a idade máxima de 60 anos é devido ao fato de ser referência para aposentadoria dos homens em 2000, ano que foi realizado o censo demográfico brasileiro.

⁶ Imigrantes recentes são aqueles que entraram em maior número após os anos 70 no Brasil, sendo principalmente os latinos e asiáticos.

residência no destino sobre a posição ocupacional dos indivíduos, e não o efeito do fato dos mesmos serem imigrantes ou não.

Modelos e variáveis

Para estimar a probabilidade de um indivíduo pertencer a uma categoria de classe na estrutura ocupacional, utilizamos um modelo de regressão logística multinomial. Trata-se da técnica mais adequada para a análise de dados em que a variável dependente qualitativa é formada por mais de duas categorias. Nesse trabalho, a nossa variável dependente refere-se à posição de classe.⁷ Esta é qualitativa e constituída por seis diferentes categorias: capitalista; pequeno empregador; conta-própria, especialista ou qualificado; gerente ou supervisor; empregado especialista ou qualificado; e trabalhadores em geral, sendo esta a categoria de referência para a comparação.

O modelo de regressão logístico multinomial representa uma generalização do modelo binário logístico, e tem a seguinte equação geral:

$$\text{Log} [p(y=j | x=i) / p(y=1 | x=i)] = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

Na regressão logística, é o log da razão de probabilidades que se relaciona linearmente com X_i . Dessa forma,

P = probabilidade de que $Y_i = 1$ (de que o evento ocorra)

$1 - P$ = probabilidade de que $Y_i = 0$ (de que o evento não ocorra)

β_0 = probabilidade de ocorrência do evento quando todo X for igual a zero (intercepto)

β_k = variação efeito da variável explicativa sobre a probabilidade de ocorrência do evento (inclinação)

ε = erro estocástico

No modelo multinomial desse artigo:

⁷ As variáveis posições de classe foram criadas a partir da combinação dos códigos das ocupações e da posição na ocupação, buscando refletir as localizações de classe da tipologia neomarxista de Wright (1978; 1979). O controle sobre capital físico, meios físicos de produção e sobre a mão-de-obra são dimensões essenciais para definir a localização de classe dos indivíduos. São localizações contraditórias aquelas que compartilham características de outras classes, por exemplo, gerentes, empregados especialistas e conta-própria especialista ou qualificado.

$p(y=j | x=i) / p(y=1 | x=i)$ refere-se à probabilidade do indivíduo (i) inserir-se em uma posição (j) de capitalista, pequeno empregador, conta-própria, gerente ou empregado comparado à inserção na posição de trabalhador (categoria de referência).

β_0 refere-se à probabilidade do indivíduo (i) inserir-se em uma posição (j) de capitalista, pequeno empregador, conta-própria, gerente ou empregado, comparado à inserção na posição de trabalhador (categoria de referência) quando todo X (variáveis independentes do modelo) for zero.

β_1 a β_k representam os coeficientes das variáveis independentes.

X_1 a X_k representam as variáveis independentes, isto é, as explicativas, tais como educação, idade, cor e origem/nacionalidade (ver quadros 1 e 2).

Para esse estudo, apresentamos dois modelos de análise. No modelo I, estimamos a probabilidade dos indivíduos pertencerem a uma posição de classe, considerando como variáveis independentes aquelas que constam no Quadro I. Estas se referem às características sócio-demográficas e situações regionais/locais das pessoas em análise. O uso dessas variáveis no estudo deve-se ao já reconhecimento dos seus efeitos sobre as possibilidades de inserção laboral dos indivíduos (Cunha e Jakob, 2010). Ressalta-se que a origem nacional e o tempo de residência no destino são as variáveis que pretendemos testar.

No modelo II, a variável dependente também é a posição de classe, entretanto, são estimadas oito equações, uma para cada origem social. Foram incluídas outras variáveis independentes. A variável de teste do modelo é o tempo de residência dos imigrantes no Brasil (Verificar Quadro II).

QUADRO 1

VARIÁVEIS INDEPENDENTES - MODELO I		
<i>Variáveis</i>	<i>Tipo de Variável</i>	<i>Descrição</i>
Origem Nacional		
<i>Argentinos (X1)</i>	Binária	argentinos = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Bolivianos (X2)</i>	Binária	bolivianos = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Chilenos (X3)</i>	Binária	chilenos = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Paraguaios (X4)</i>	Binária	paraguaios = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Peruanos (X5)</i>	Binária	uruguaaios = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Uruguaaios (X6)</i>	Binária	chineses = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Chineses (X7)</i>	Binária	coreanos = 1 e brasileiros migrantes = 0
<i>Coreanos (X8)</i>	Binária	argentinos = 1 e brasileiros migrantes = 0

Idade (X10)	Discreta	<i>Idade atual do indivíduo em anos</i>
Escolaridade (X11)	Discreta	<i>Anos de estudos completados com sucesso em anos</i>
Cor ou raça <i>Branços (X12)</i>	Binária	<i>brancos = 1 e não-brancos = 0</i>
Status marital <i>Casados (X13)</i>	Binária	<i>casados = 1 e solteiros = 0</i>
<i>Separados (X14)</i>	Binária	<i>separados = 1 e solteiros = 0</i>
<i>Viúvos (X15)</i>	Binária	<i>viúvos = 1 e solteiros = 0</i>
Regiões do Brasil <i>Norte (X16)</i>	Binária	norte = 1 e sudeste = 0
<i>Nordeste (X17)</i>	Binária	nordeste = 1 e sudeste = 0
<i>Sul (X18)</i>	Binária	sul = 1 e sudeste = 0
<i>Centro-oeste (X19)</i>	Binária	centro-oeste = 1 e sudeste = 0
Situação do domicílio <i>Urbano (X20)</i>	Binária	urbano = 1 e rural = 0
Religião <i>Se tem religião (X21)</i>	Binária	sim = 1 e não = 0
Posição no domicílio <i>Cônjuge (X22)</i>	Binária	cônjuge = 1 e chefe = 0
<i>Filho (X23)</i>	Binária	filho = 1 e chefe = 0
<i>Outra posição (X24)</i>	Binária	outra posição = 1 e chefe = 0

QUADRO 2

VARIÁVEIS INDEPENDENTES - MODELO II		
Variáveis	Tipo de Variável	Descrição
Idade (X1)	Discreta	<i>Idade atual do indivíduo em anos</i>
Escolaridade (X2)	Discreta	<i>Anos de estudos completados com sucesso em anos</i>
Cor ou raça <i>Branços (X3)</i>	Binária	<i>brancos = 1 e não-brancos = 0</i>

Status marital		
<i>Casados (X4)</i>	Binária	<i>casados = 1 e solteiros = 0</i>
<i>Separados (X5)</i>	Binária	<i>separados = 1 e solteiros = 0</i>
<i>Viúvos (X6)</i>	Binária	<i>viúvos = 1 e solteiros = 0</i>
Regiões do Brasil		
<i>Norte (X7)</i>	Binária	norte = 1 e sudeste = 0
<i>Nordeste (X8)</i>	Binária	nordeste = 1 e sudeste = 0
<i>Sul (X9)</i>	Binária	sul = 1 e sudeste = 0
<i>Centro-oeste (X10)</i>	Binária	centro-oeste = 1 e sudeste = 0
Situação do domicílio		
<i>Urbano (X11)</i>	Binária	urbano = 1 e rural = 0
Religião (X12)		
<i>Se tem religião (X13)</i>	Binária	sim = 1 e não = 0
Posição no domicílio		
<i>Cônjuge (X14)</i>	Binária	cônjuge = 1 e chefe = 0
<i>Filho (X15)</i>	Binária	filho = 1 e chefe = 0
<i>Outra posição (X16)</i>	Binária	outra posição = 1 e chefe = 0
Tempo de residência no Brasil (X17)	Discreta	tempo de residência medido em anos
Se estudou no Brasil (X18)	Binária	sim = 1 e não = 0
Se naturalizado (X19)	Binária	sim = 1 e não = 0

RESULTADOS

Com o intuito de responder às questões propostas anteriormente, as análises são feitas em duas etapas: uma descritiva das características socioeconômicas relacionadas aos grupos étnicos e uma analítica da inserção dos imigrantes em posições ocupacionais e os fatores a elas associados.

Análise Descritiva dos Dados

Para a análise descritiva, cruzamos a origem nacional com as variáveis expostas nos quadros 1 e 2, além daquela referente às posições de classe. A partir da descrição dos dados, é possível visualizar melhor as características demográficas, sociais, culturais e sociocupacionais que potencialmente podem afetar a inserção dos indivíduos nas posições de classe no mercado de trabalho. Com essa primeira

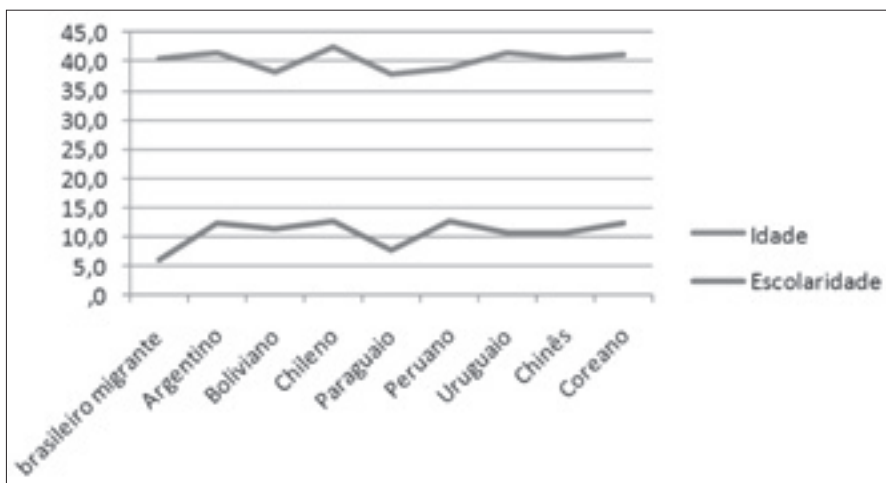
análise, podemos vislumbrar respostas para as nossas perguntas e, assim, melhor compreender os resultados apresentados pela análise das regressões.

No gráfico 1, verificamos que, entre os imigrantes internacionais, os paraguaios são aqueles que apresentam as menores médias de idade (37,9 anos) e de escolaridade (7,7 anos). Ao contrário, os chilenos são os que têm as maiores médias: 42,4 anos e 12,6 anos, respectivamente. Os outros imigrantes apresentam médias de idade entre 38,7 e 41,4, e escolaridade entre 10,6 e 12,5. Vale destacar que os brasileiros são os que apresentaram a menor média de escolaridade (6 anos). A média de idade dos brasileiros é de 40,4 anos.

Identificamos no gráfico 2 que há diversidade entre cor/raça (sendo cor branca como brancos/amarelo e não branca como pretos, pardos e indígenas) e os grupos em análise. Os peruanos são aqueles que apresentam o maior percentual (57,7) de pessoas que se autodefinem como não brancas, seguidos por brasileiros (46,9), bolivianos (45,9) e paraguaios (35,8). Para os coreanos, chineses, uruguaios, argentinos e chilenos, os percentuais de membros não brancos são bem pequenos ou quase insignificantes; e os de brancos/amarelos são altos, chegando a 99,5%, 98,2%, 92,8%, 92,5% e 88,3%, respectivamente.

Gráfico 1:

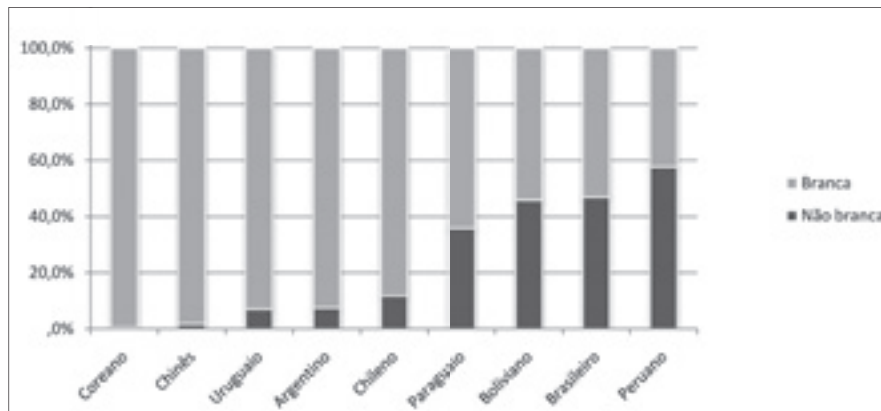
Média de idade e de escolaridade



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

Gráfico 2:

Distribuição dos grupos por origem e cor/raça

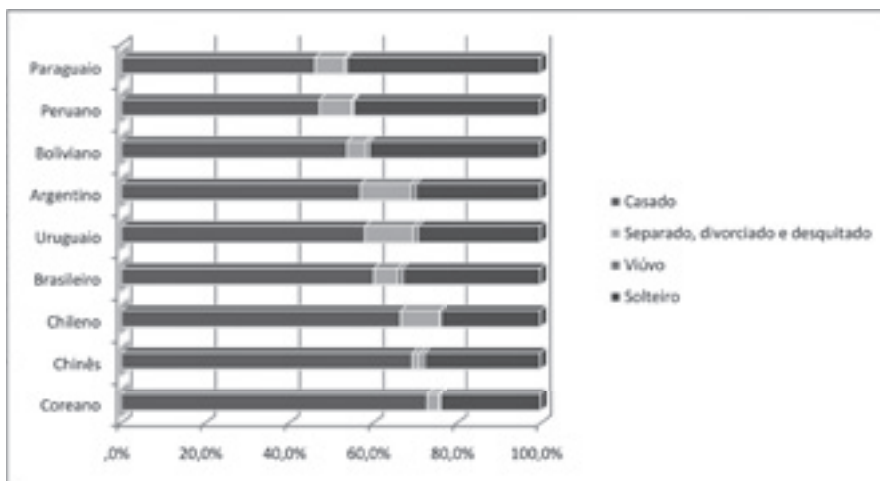


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

Quanto ao estado civil, bolivianos, peruanos e paraguaios são os que apresentam o maior percentual de solteiros. Já os coreanos, os chineses, os chilenos, os brasileiros, os uruguaio e os argentinos contam com um percentual maior de casados. Entre argentinos, uruguaio e chilenos, há uma maior proporção de separados, divorciados e desquitados. O percentual de viúvos é bastante pequeno em todos os grupos analisados.

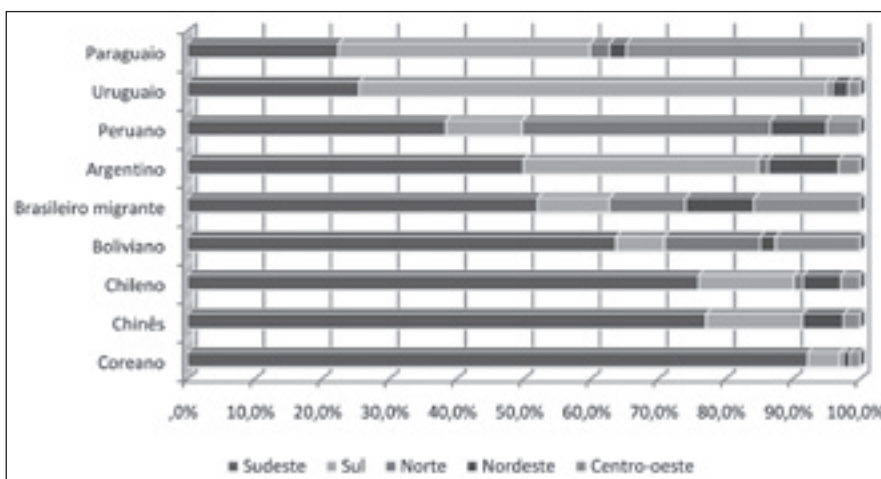
Ao analisarmos os grupos étnicos e os brasileiros quanto à distribuição pelo território nacional, observamos uma concentração nas regiões Sudeste, principalmente, e Sul do país. O Sudeste é a área de residência da maioria de coreanos, chineses, chilenos, bolivianos, brasileiros e argentinos, com percentuais acima de 50%. Para os peruanos, as regiões de maior concentração são o Sudeste, primeiramente, e o Norte, secundariamente. Os uruguaio estão concentrados na região Sul. Já os paraguaios são os que apresentam uma maior dispersão no país, estando distribuídos em três regiões de maior concentração, quais sejam: Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Esta distribuição dos latino americanos no país reflete naturalmente a concentração em regiões de fronteira com seus países de origem.

Gráfico 3:
Distribuição dos grupos por status marital



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

Gráfico 4:
Distribuição dos grupos por região do país



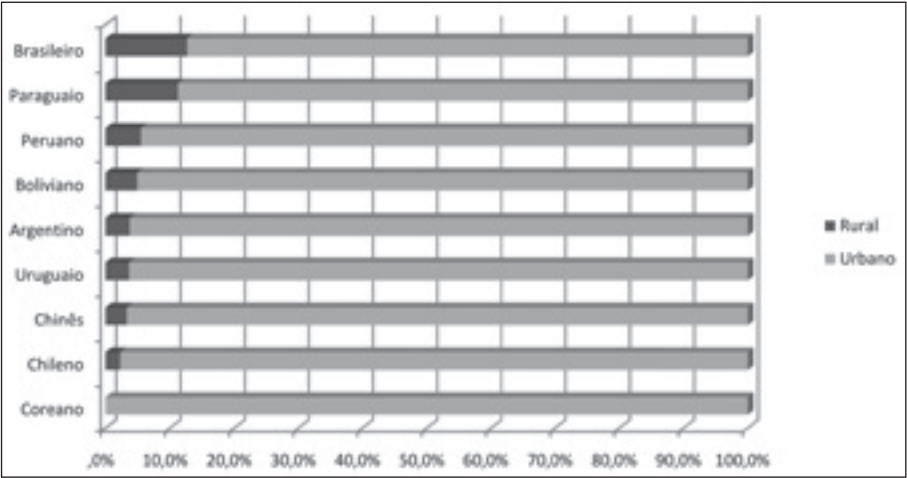
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 – IBGE

Ao analisarmos a situação de domicílio, identificamos que brasileiros e paraguaios apresentam maiores percentuais de pessoas vivendo na área rural. Os outros imigrantes têm um percentual bastante baixo de residentes nessa área. Os coreanos chegam a ter 100% dos membros do grupo vivendo na zona urbana.

Ter religião é uma característica comum para a grande maioria dos grupos analisados. Os imigrantes internacionais e brasileiros (exceto os chineses e os uruguaios) têm percentuais acima de 80% dos membros que se identificam com alguma religião. Para os uruguaios, o percentual é menor (74%); e entre os chineses, o valor reduz ainda mais, chegando a 65%. Essa variável é levada em consideração nesse estudo e nos modelos de análise propostos por ser a religião, a partir do espaço de oração, um instrumento de construção e manutenção de redes sociais pelos indivíduos e, principalmente, pelos imigrantes internacionais como já demonstrado por outros estudos (Vilela, 2002; Martes, 1999). Tais redes podem influenciar na inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, já que podem ser consideradas uma forma de capital (capital social).

Gráfico 5:

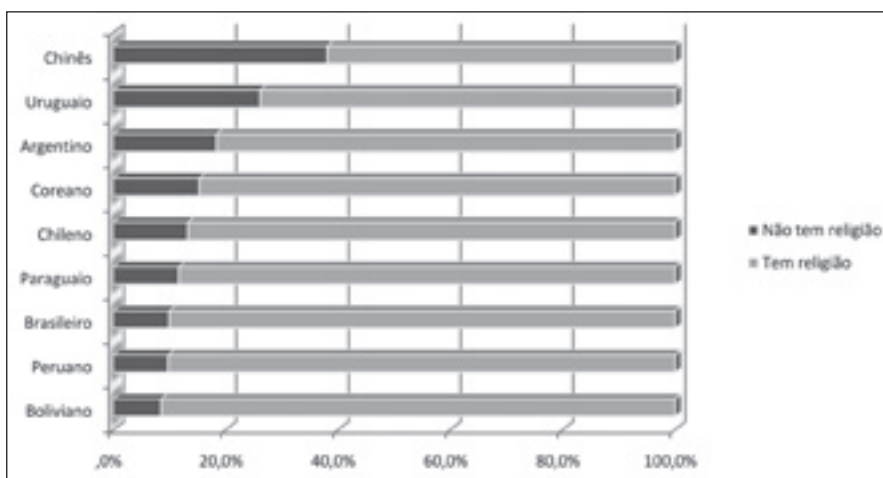
Distribuição dos grupos por situação de domicílio



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

Gráfico 6:

Distribuição dos grupos por religião



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 – IBGE.

No que se refere à posição no domicílio, em geral, os informantes são os responsáveis pelo domicílio. O número de pessoas que são cônjuges é maior para o grupo dos argentinos, uruguaios, peruanos e paraguaios. Vale destacar o percentual maior de indivíduos identificados em outra posição no domicílio para os grupos de chineses, principalmente, peruanos e bolivianos. Esse fato leva-nos a pensar em uma composição familiar mais “complexa” para esses grupos étnicos.

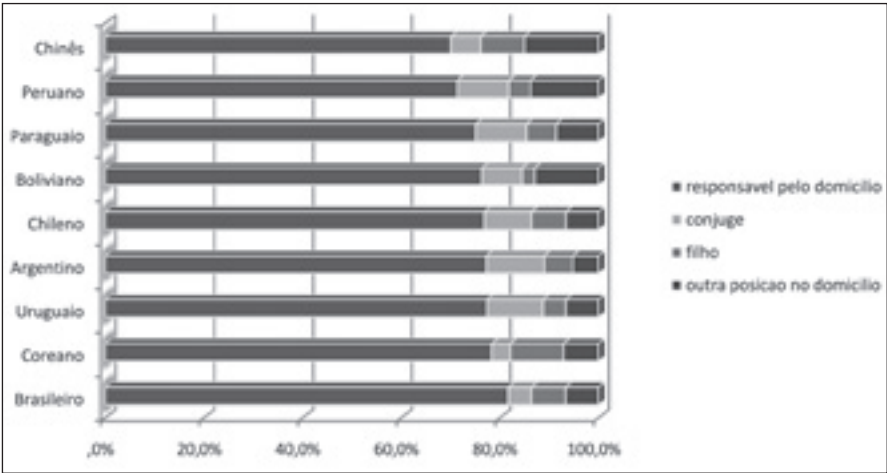
Quanto ao tempo de residência no Brasil, identificamos médias que vão de 12,6 (para os peruanos) a 19,4 (para os chilenos). Os valores intermediários são de argentinos (14,6), bolivianos (14,3), paraguaios (15,9), uruguaios (16,4) chineses (13,7), coreanos (16,5) e de brasileiros migrantes (19,16). As diferenças não são gritantes, mas são significativas.

O gráfico 9 mostra-nos que, em geral, os percentuais de imigrantes internacionais que estudaram no Brasil é bem inferior aos dos que não estudaram. Os coreanos são os que têm o maior número (32%) de membros que estudaram na sociedade hospedeira, seguidos pelos chilenos (26%), chineses (24%) e paraguaios (22%). Os outros imigrantes apresentam um percentual de 20% ou menos de indivíduos que estudaram no Brasil.

Quanto à naturalização, os percentuais são bem diferentes entre os grupos de imigrantes. Paraguaios possuem um percentual de 40% de pessoas naturalizadas brasileiras, seguidos pelos chineses com 33,5%. Os bolivianos e os uruguaios têm percentuais bastante próximos de imigrantes naturalizados, 25,6% e 24,1% respec-

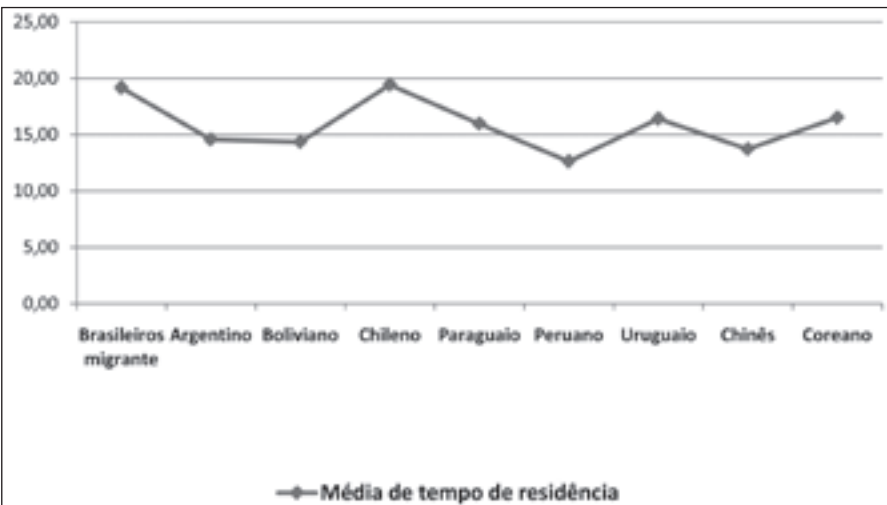
tivamente. Também chilenos (15,7%) e argentinos (18,2%) aproximam-se quanto ao número de naturalizados. Os coreanos são os que apresentam o maior percentual de indivíduos não naturalizados (88,1%).

Gráfico 7:
Distribuição dos grupos por posição no domicílio



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

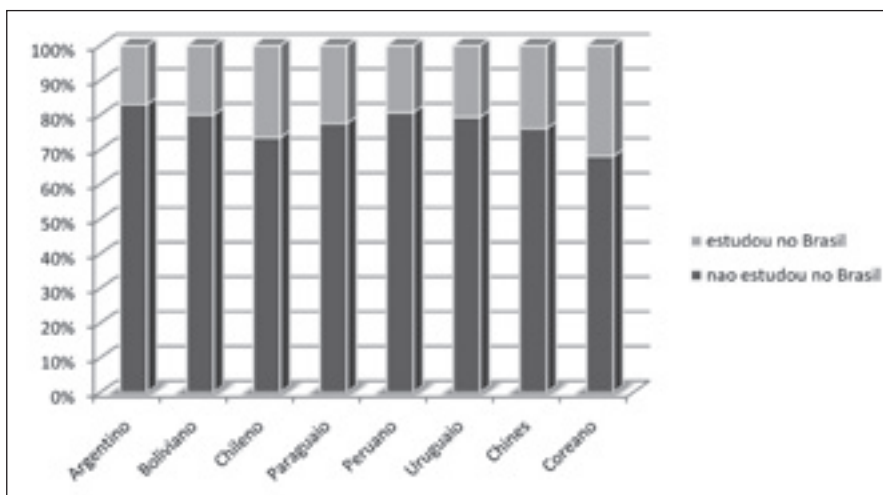
Gráfico 8:
Média de tempo de residência no Brasil, por origem dos migrantes



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE.

Gráfico 9:

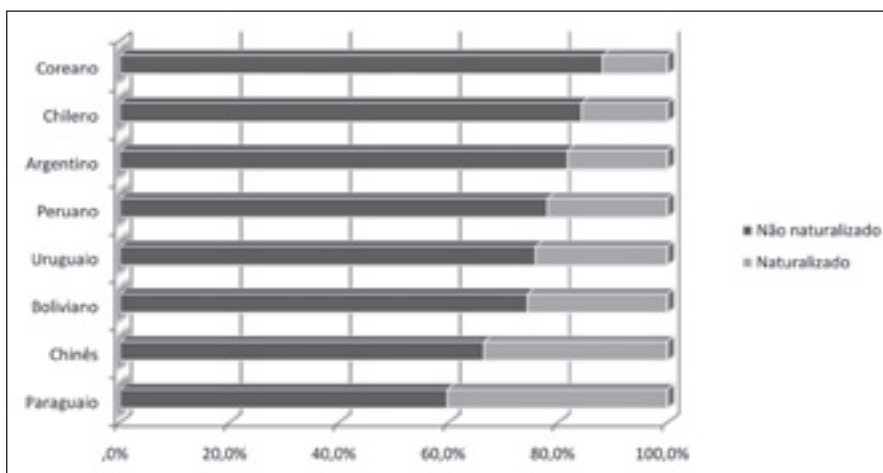
Percentual de migrantes que estudaram ou não no Brasil, por origem.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 – IBGE

Gráfico 10:

Distribuição dos grupos por posição naturalização

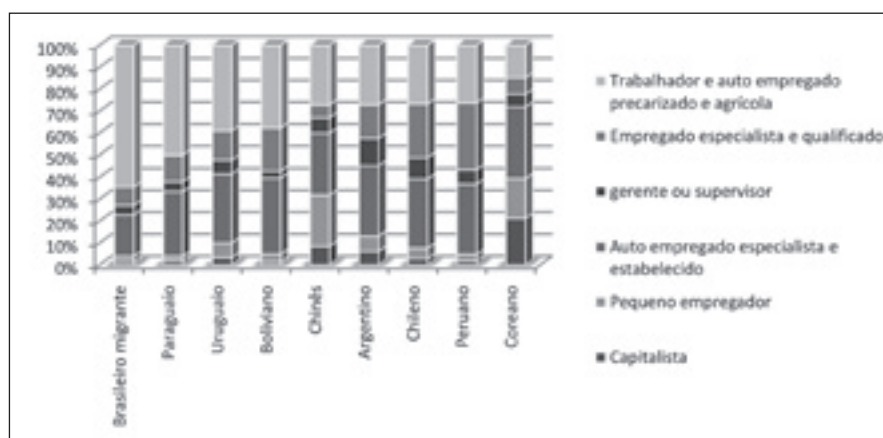


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE

Ao analisarmos as posições de classe entre os grupos em análise, podemos verificar que são os brasileiros que apresentam o maior percentual de pessoas na posição de trabalhador e autoempregado precarizado e agrícola, comparado aos imi-

grantes internacionais. Aqueles são seguidos por paraguaios, uruguaios e bolivianos. Os outros imigrantes têm percentuais menores de pessoas nessa localização. Os coreanos são os que têm o menor percentual de concentração em tal posição. Identificamos que, em geral, as posições ocupacionais de autoempregado especialista e estabelecido, de empregado especialista e qualificado mais a de pequeno empregador, são as de maior concentração dos imigrantes internacionais, com exceção dos paraguaios⁸. Esses dados reforçam a teoria do *middleman* e enfraquecem a teoria do mercado segmentado.

Gráfico 11:
Distribuição dos grupos por localizações ocupacionais



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE

A partir da análise descritiva, verificamos que os paraguaios apresentam as características mais similares às dos brasileiros. Isso pode ser explicado, talvez, pelo fato de um número considerável dos paraguaios serem filhos de “brasiguaios” (brasileiros que emigraram para o Paraguai). Já os outros imigrantes, principalmente os coreanos, os chineses e os argentinos apresentam maiores divergências quanto às características aqui analisadas, ao serem comparados aos brasileiros. Quanto às posições intermediárias de classe, identificamos um percentual maior de imigrantes internacionais nas ocupações de autoempregado especialista e estabelecido, de pe-

⁸Vale ressaltar que esses resultados são limitados ao grupo de imigrantes documentados uma vez que os dados do censo demográfico, referentes aos imigrantes indocumentados e provavelmente de menor qualificação, são subestimados.

queno empregador, de capitalista e de empregado especialista e qualificado do que os brasileiros.

A proposta a seguir é verificar se a origem étnica/nacional e o tempo de residência têm efeitos sobre a inserção dos imigrantes internacionais em posições intermediárias de classes, quando comparados aos brasileiros, e a intensidade desses efeitos.

Análise da correlação entre origem étnico/nacional, tempo de residência no destino e posições de classe

Há duas hipóteses de teste nos modelos deste estudo. A primeira é a que se refere ao tempo de residência no local de destino: imigrantes internacionais ou internos, com menos tempo de moradia na sociedade hospedeira, teriam mais chances de ocuparem posições de classes mediadoras entre empregadores e empregados (Bonacich, 1973). A segunda diz respeito à origem étnico/nacional: a nacionalidade é um fator determinante de localização intermediária de classe; havendo, assim, uma heterogeneidade quanto à inserção no mercado de trabalho, no que se refere aos imigrantes internacionais (Kesler and Hout, 2010). Consideramos como localizações intermediárias aquelas que agrupam as ocupações sem requisitos de grande investimento em capital (pequenos empregadores) ou que conferem aos seus ocupantes rendas de qualificação (conta-própria ou empregados especialistas e qualificados) ou de lealdade (gerentes e supervisores).

A tabela 1 mostra os resultados do primeiro modelo. Nela, podemos observar que há efeito positivo da origem social (a nacionalidade), em comparação aos brasileiros migrantes, na probabilidade dos indivíduos ocuparem uma determinada localização de classe (capitalista, pequeno empregador, conta-própria, gerente ou empregado) em relação à ocupação de trabalhadores em geral.

Os grupos étnicos de argentinos, chineses ou coreanos, comparados a brasileiros migrantes, estão associados positivamente as chances de estar na posição de capitalista do que de estar na de trabalhador em geral.

Comparados aos brasileiros migrantes, as chances dos argentinos, uruguaios, chineses ou coreanos ocuparem a posição de pequeno empregador são maiores do que ocuparem a de trabalhadores.

Já todas as nacionalidades consideradas têm mais chances do que um brasileiro migrante de estarem na posição de conta-própria em relação a estarem na posição de trabalhadores.

Novamente, argentinos, chilenos, coreanos e chineses têm mais chances do que os brasileiros migrantes de serem gerentes ou supervisores do que serem trabalhadores. Já os bolivianos têm menos chances de serem gerentes ou supervisores (coeficiente negativo).

Os argentinos, os bolivianos, os chilenos e os peruanos, comparados aos brasileiros migrantes, têm mais chances de serem empregados especialistas ou qualificados do que serem trabalhadores em geral.

Todas as origens de imigrantes internacionais, isto é, independente da nacionalidade, têm efeito significativo sobre a probabilidade dos indivíduos pertencerem à localização de conta-própria, quando comparados aos brasileiros. A esta localização pertencem todos os profissionais liberais, técnicos ou profissionais qualificados, ou seja, ocupações que exigem certo investimento em empreendimentos, mas principalmente em educação e treinamento.

A maioria das variáveis referentes às nacionalidades também apresenta significância estatística, quando consideramos os pequenos empregadores e empregados. Vale lembrar que a primeira exige ativos de capital, e a última exige ativos de qualificação (educação e treinamento).

Esses achados não confirmam a hipótese da teoria do mercado segmentado de que os imigrantes teriam maiores chances de se posicionarem nas localizações que não exigem ativos de capital, qualificação ou autoridade, representadas pela categoria de referência do modelo: trabalhadores em geral. Os achados suportam a hipótese da teoria do *middleman* de que são nas localizações intermediárias que há maior probabilidade dos imigrantes internacionais estarem.

Entretanto, quanto ao tempo de residência no local de destino, o resultado não corrobora a hipótese de Bonacich (1973) de que imigrantes recentes, com maiores desejos de retorno rápido, teriam maior probabilidade de se inserirem em posições intermediárias de classe. O resultado foi contrário a isso, qual seja: quanto maior o tempo de residência (o que levaria a ideia de uma permanência de longo prazo e até permanente no destino), maior a chance do imigrante inserir-se nas ocupações de *middleman*.

Vale destacar que a associação entre tempo de residência e posição de classe é relativamente baixa. Uma confirmação disto é que, ao analisarmos o modelo multinomial logístico com ou sem a variável tempo de residência no local de destino, o *pseudoR²* não se altera, continua sendo 0,10. Outro ponto a considerar é que há ainda 90% da variação na variável posição de classe que não está sendo explicada por esse modelo. Portanto, há outras variáveis que necessitam ser analisadas como explicativas da posição de classe no mercado de trabalho brasileiro. Dessa forma, não podemos dizer que tempo de residência seja uma variável importante para explicar a posição dos imigrantes em localizações intermediárias, como proposto pela teoria do *middleman*.

TABELA 1:
Regressão logística multinomial: origem nacional e localizações intermediárias de classe

	REGRESSÃO LOGÍSTICA MULTINOMIAL: ORIGEM NACIONAL E LOCALIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS DE CLASSE														
	Capitalista*			Pequeno Empregador*			Conta-própria Especialista/ Qualificado*			Gerente/ Supervisor*			Empregado Especialistas/ Qualificado*		
	Coefici- ente	Signifi- cância	Razão de Chances	Coefici- ente	Signifi- cância	Razão de Chances	Coefici- ente	Signifi- cância	Razão de Chances	Coefici- ente	Signifi- cância	Razão de Chances	Coefici- ente	Signifi- cância	Razão de Chances
Argentinos**	0,8846	0,000	2,42	0,7963	0,000	2,22	0,9561	0,000	2,60	0,5580	0,000	1,75	0,1419	0,226	1,15
Bolivianos**	-0,5282	0,177	0,59	0,4125	0,080	1,51	1,0034	0,000	2,73	-0,8361	0,002	0,43	0,3276	0,013	1,39
Chilenos**	-0,0973	0,699	0,91	0,3980	0,041	1,49	0,8714	0,000	2,39	0,2543	0,083	1,29	0,4605	0,000	1,58
Paraguaios**	0,1079	0,772	1,11	-0,1122	0,733	0,89	0,6129	0,000	1,85	-0,0930	0,717	0,91	0,2700	0,123	1,31
Peruanos**	-0,0342	0,932	0,97	0,1344	0,689	1,14	1,0800	0,000	2,94	-0,0239	0,919	0,98	0,7739	0,000	2,17
Uruguaios**	-0,0459	0,843	0,96	0,4868	0,003	1,63	0,6050	0,000	1,83	-0,0815	0,624	0,92	-0,0959	0,456	0,91
Chineses**	1,8470	0,000	6,34	2,4404	0,000	11,48	0,9403	0,000	2,56	0,3596	0,135	1,43	-0,5418	0,029	0,58
Coreanos**	2,8120	0,000	16,64	2,4787	0,000	11,93	1,5305	0,000	4,62	0,4290	0,169	1,54	-0,1245	0,671	0,88
Idade (anos)	0,0492	0,000	1,05	0,0392	0,000	1,04	0,0281	0,000	1,03	0,0148	0,000	1,01	0,0133	0,000	1,01
E escolaridade (anos)	0,2766	0,000	1,32	0,1631	0,000	1,18	0,0622	0,000	1,06	0,2750	0,000	1,32	0,2777	0,000	1,32
Branços**	0,9636	0,000	2,62	0,7187	0,000	2,05	0,1236	0,000	1,13	0,3726	0,000	1,45	0,0310	0,003	1,03
Casados****	0,4859	0,000	1,63	0,3538	0,000	1,42	-0,0606	0,000	0,94	0,3623	0,000	1,44	0,1154	0,000	1,12
Separados****	0,6355	0,000	1,89	0,4588	0,000	1,58	0,1749	0,000	1,19	0,3539	0,000	1,42	0,0476	0,034	1,05
Vivos****	0,1365	0,299	1,15	-0,0464	0,608	0,95	-0,0254	0,416	0,97	0,1473	0,059	1,16	-0,0296	0,623	0,97
Norte*****	0,6631	0,000	1,94	0,7734	0,000	2,17	0,1795	0,000	1,20	0,2444	0,000	1,28	-0,0505	0,005	0,95
Nordeste*****	0,6644	0,000	1,94	0,7303	0,000	2,08	0,1593	0,000	1,17	0,3494	0,000	1,42	0,1077	0,000	1,11

Sul*****	0,2818	0,000	1,46	0,4398	0,000	1,55	0,0574	0,000	1,06	-0,0351	0,074	0,97	-0,0747	0,000	0,93
Centro- oeste*****	0,5442	0,000	1,72	0,7441	0,000	2,10	0,0150	0,104	1,02	0,3280	0,000	1,39	0,0092	0,496	1,01
Urbano*****	0,8538	0,000	2,35	0,6870	0,000	1,99	0,8703	0,000	2,39	-0,2689	0,000	0,76	0,8537	0,000	2,35
Se tem religião	0,1004	0,000	1,11	0,0166	0,556	1,02	-0,1604	0,000	0,85	0,1440	0,000	1,15	-0,1496	0,000	0,86
Cônjuge*****	-0,2413	0,000	0,79	-0,1893	0,000	0,83	0,0883	0,000	1,09	-0,1899	0,000	0,83	-0,0424	0,084	0,96
Filho*****	-0,7213	0,000	0,49	-0,4901	0,000	0,61	-0,0986	0,000	0,91	-0,4816	0,000	0,62	-0,1637	0,000	0,85
Outra posição *****	-0,9702	0,000	0,38	-0,7309	0,000	0,48	-0,2335	0,000	0,79	-0,4508	0,000	0,64	-0,1823	0,000	0,83
Constante	-10,1107	0,000	0,00	-7,5340	0,000	0,00	-3,4280	0,000	0,03	-5,8340	0,000	0,00	-5,4590	0,000	0,00

LR $\chi^2(115) = 177109,78$ Prob > $\chi^2 = 0.0000$ Log

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 – IBGE. N = 703432

likelihood = -750753.24

- PseudoR2=0,1055. **
- Grupo de referência: brasileiros migrantes ***
- Grupo de referência: não brancos ****
- Grupo de referência: solteiros *****
- Grupo de referência: sudeste *****
- Grupo de referência: área rural *****
- Grupo de referência: chefes dos domicílios. ****
- Grupo de referência: solteiros. *****
- Grupo de referência: sudeste. *****
- Grupo de referência: área rural. *****
- Grupo de referência: chefes dos domicílios

No intuito de melhor analisar a variável tempo de residência no destino como fator importante para explicar a localização intermediária de classe dos imigrantes, o modelo II avalia se tal variável, como uma *proxy* para o tipo de migração, temporária ou permanente, gera efeito significativo sobre a probabilidade dos indivíduos, de cada uma das oito nacionalidades, estarem nessas localizações.

Conforme se observa na tabela 2, entre os argentinos, o tempo de residência só possui efeito na probabilidade do indivíduo ser conta-própria em relação a ser trabalhador. Para os bolivianos, o efeito do tempo de residência encontra-se na probabilidade do indivíduo ser capitalista ou pequeno empregador em relação a ser trabalhador.

Tanto para os peruanos quanto para os coreanos o tempo de residência influencia positivamente a probabilidade de serem capitalistas. Isto é, quanto maior o tempo de residência, maior as chances desses imigrantes se inserirem na posição de capitalistas. Já para os uruguaios, o tempo de residência influencia positivamente a probabilidade destes serem empregados especialistas e qualificados.

Em suma, não há um padrão claro do efeito do tempo de residência sobre a variável dependente do modelo, ou seja, o efeito do tempo de residência entre muitas nacionalidades não foi significativo. Entre aqueles em que foi (argentinos, bolivianos, peruanos, uruguaios e coreanos), afeta-se apenas uma ou duas localizações intermediárias de classe. Além disto, o efeito é positivo e não negativo como pressuposto pela teoria do *middleman*, confirmando os resultados do modelo anterior. Ou seja, a intenção de uma estadia mais longa ou permanente está associada a uma maior probabilidade de inserção nas localizações intermediárias pelos imigrantes, e não ao contrário. Portanto, a migração temporária (medida pelo tempo de residência no Brasil) não pode ser considerada determinante para a inserção dos imigrantes internacionais em localizações intermediárias de classes, como previsto por Bonacich (1973).

Esse resultado é oposto ao esperado por Bonachich (1973) e aproxima-se da ideia de Aldrich e Waldinger (1990), uma vez que os imigrantes, ao perceberem que já estão e ficarão mais tempo do que o previsto, decidem investir em atividade laboral própria, o que exige uma disponibilidade maior de capital do que permanecer na posição ocupacional de empregado.

Sugerimos que a concentração dos grupos de imigrantes em algumas ocupações, se não é influenciada significativamente pelo tempo de residência no país de destino, pode ser explicada mais pela estrutura de oportunidades no mercado de trabalho favorecidas pelas características e estratégias destes grupos étnicos como propõem Aldrich e Waldinger (1990) e Kesler e Hout (2010).

TABELA 2:

Regressão logística multinomial: tempo de residência e localizações intermediárias de classe.

REGRESSÃO LOGÍSTICA MULTINOMIAL: TEMPO DE RESIDÊNCIA E LOCALIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS DE CLASSE					
	<i>Capitalista</i>	<i>Pequeno Empre-gador</i>	<i>Conta-própria Especialista/ Qualificado</i>	<i>Gerente/ Supervisor</i>	<i>Empregado Especialistas/ Qualificado</i>
ARGENTINOS					
Coeficiente	0,01915	0,02176	0,04034	-0,03296	0,01552
Significância	0,450	0,380	0,008	0,112	0,440
Razão de Chances	1,019	1,022	1,041	0,968	1,016
BOLIVIANOS					
Coeficiente	0,18778	0,08490	-0,00015	-0,03637	-0,01997
Significância	0,056	0,067	0,994	0,479	0,481
Razão de Chances	1,207	1,089	1,000	0,964	0,980
CHILENOS					
Coeficiente	0,02703	0,06080	0,02272	-0,02886	0,01141
Significância	0,621	0,185	0,288	0,333	0,635
Razão de Chances	1,027	1,063	1,023	0,972	1,011
PARAGUAIOS					
Coeficiente	-0,00483	0,01594	0,01564	0,05804	0,01462
Significância	0,953	0,769	0,429	0,224	0,639
Razão de Chances	0,995	1,016	1,016	1,060	1,015
PERUANOS					
Coeficiente	0,23422	-0,00024	0,00348	0,02867	0,02211
Significância	0,030	0,997	0,883	0,532	0,457
Razão de Chances	1,2639	0,9998	1,0035	1,0291	1,0224

URUGUAIOS					
Coeficiente	0,06147	0,03505	0,01473	-0,02620	0,04542
Significância	0,160	0,177	0,298	0,310	0,061
Razão de Chances	1,063	1,036	1,015	0,974	1,046
CHINESES					
Coeficiente	0,02843	-0,01440	-0,00766	-0,06299	0,02754
Significância	0,456	0,619	0,784	0,161	0,671
Razão de Chances	1,029	0,986	0,992	0,939	1,028
COREANOS					
Coeficiente	0,06522	0,02989	0,04145	-0,05209	-0,03345
Significância	0,091	0,444	0,242	0,353	0,579
Razão de Chances	1,067	1,030	1,042	0,949	0,967

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000 - IBGE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como proposta verificar as chances dos imigrantes internacionais residentes no Brasil se inserirem em localizações intermediárias de classes. Também, avaliar se o tempo de residência no país afetava essas chances, além de identificar as localizações de concentrações dos grupos étnicos. Para isso, tomamos como referência a teoria do *middleman*, bem como as respectivas críticas que lhes foram feitas.

Kesler e Hout (2010), Halter (2007) e Aldrich e Waldinger (1990) afirmaram que há uma desproporcionalidade nas taxas de empreendedorismo e de trabalhadores autônomos entre os grupos de imigrantes, devido à organização dos grupos, às redes, aos recursos dos grupos, bem como às características de seus membros. Nesse estudo, verificamos que tal desproporcionalidade existe. De fato, a origem nacional dos imigrantes está associada à probabilidade deles ocuparem determinadas posições de classe.

As localizações de maior concentração para todos imigrantes internacionais, comparados aos brasileiros migrantes, são as de pequeno empregador, contra-própria especializado e qualificado; e não as de trabalhadores em geral. A localização de capitalista apresentou-se como importante para a concentração de argentinos, coreanos ou chineses, quando comparada à posição de trabalhador em geral.

Quando analisamos a localização intermediária de gerentes ou supervisores, os argentinos, os chilenos, os coreanos ou os chineses têm maiores chances do que os brasileiros de se inserirem nessas posições. Já os bolivianos têm menos chances de serem gerentes ou supervisores (coeficiente negativo), comparados aos brasileiros.

Os resultados não confirmam a hipótese da teoria do mercado segmentado de que os imigrantes teriam maiores chances de se posicionarem nas localizações que não exigem ativos de capital, qualificação ou autoridade, quando comparadas a categoria de referência do modelo: trabalhadores em geral. Os achados do primeiro modelo suportam a hipótese da teoria do *middleman* (Bonacich, 1973) de que são nas localizações intermediárias que há maior probabilidade dos imigrantes internacionais estarem, quando comparados aos brasileiros.

Entretanto, os achados quanto ao tempo de residência no local de destino não suportam a hipótese de Bonacich (1973) de que tal variável é um fator importante ou mesmo determinante das localizações intermediárias ocupacionais dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho da sociedade hospedeira. Os resultados mostram-nos não só que esse fator não tem a importância que a autora sugere, como também que seu efeito, na verdade, é oposto. Ou seja, para aqueles grupos de imigrantes em que o tempo de residência na sociedade hospedeira apresentou-se significativo, quanto maior o tempo de residência, maiores as chances de inserção nas localizações intermediárias de classe no mercado de trabalho e na posição de topo, isto é, capitalista.

Tais encontros reforçam o argumento de Aldrich e Waldinger (1990) e, talvez, entrem em acordo com a análise de Roberts (1995), já que, para investir em negócio próprio de pequeno, médio ou grande alcance, o imigrante deve ter o interesse em permanecer por um tempo mais prolongado no local de destino, uma vez que os riscos desses negócios são maiores do que o de ser um empregado e o prazo para retorno de tais investimentos não é pequeno. Além disso, o maior tempo de permanência no local de destino é um indicador importante do grau de sociabilidade e/ou captação de capital social. Isso afeta os laços sociais, que aumentam ao longo tempo, bem como influencia na quantidade e na qualidade das informações sobre oportunidades no mercado de trabalho (Cunha and Jakob, 2010). Com isso, o imigrante pode reduzir os riscos de investimento.

Em suma, sugerimos com esse estudo que a inserção dos imigrantes em localizações intermediárias de classes possa ser explicada mais pela estrutura de oportunidades no mercado de trabalho favorecidas pelas características e estratégias destes grupos étnicos como argumentado por Aldrich e Waldinger (1990) e Kesler e Hout (2010), sendo essa uma boa análise para estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDRICH, H.; WALDINGER, R. 1990. Ethnicity and entrepreneurship. *Annual review of sociology* [S.I.], v. 16, n. 1, p. 111-135.
- ANTICO, C. 1998. Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do censo de 1991. *XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*. Caxambu: ABEP, p. 665-685.
- BONACICH, E. 1973. A theory of middleman minorities. *American sociological review* [S.I.], v. 38, n. 5, p. 583-594.
- CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E. 2010. Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas. *Revista Brasileira de Estudos de População* [S.I.], v. 27, n. 1, p. 115-139.
- GUIMARÃES, N. 2009. Dança das cadeiras. Desemprego e segregação de percursos em São Paulo e Paris *Desemprego uma construção social: São Paulo, Paris e Tóquio*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 43-66.
- HALTER, M. 2007. Cultura econômica do empreendimento étnico: caminhos da imigração ao empreendedorismo. *RAE* [S.I.], v. 47, n. 1, p. 116-123.
- KESLER, C.; HOUT, M. 2010. Entrepreneurship and immigrant wages in US labor markets: A multi-level approach. *Social Science Research* [S.I.], v. 39, p. 187-201.
- LIGHT, I. 1972. *Ethnic enterprise in America: business and welfare among Chinese, Japanese, and blacks*. Los Angeles: University of California Press.
- _____. Immigrant and ethnic enterprise in North America. *Entrepreneurship: critical perspectives on business and management* [S.I.], v. 7, n. 2, p. 179, 2002.
- LIGHT, I. 1995. *et al.* Ethnic economy or ethnic enclave economy? *New migrants in the marketplace: Boston's ethnic entrepreneurs* [S.I.], p. 23.
- MARTES, Ana Cristina B. 1999. "Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts". In: REIS, Rossana R. e SALES, Teresa (orgs.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Boitempo.
- _____. Beyond the ethnic enclave economy. *Soc. Probs.* [S.I.], v. 41, p. 65, 1994.
- OLIVEIRA, C. R. D. 2004. Empresários de origem imigrante em Portugal. Oportunidades étnicas e estruturais e recursos pessoais. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*. Lisboa.
- PIORE, M. 1979. *Birds of passage: Migrant labor and industrial societies*. Cambridge University Press Cambridge.
- PORTES, A. 1995. *The economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*. New York: Russell Sage Foundation.
- PORTES, A.; BACH, R. 1985. *Latin journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*. Univ of California Pr on Demand.
- RAIJMAN, R.; TIENDA, M. 2003. Ethnic foundations of economic transactions: Mexican and

- Korean immigrant entrepreneurs in Chicago. *Ethnic and Racial Studies* [S.I.], v. 26, n. 5, p. 783-801.
- ROBERTS, B. R. Socially expected durations and the economic adjustment of immigrants. In: PORTES, A. 1995. (Ed.). *The economic Sociology of immigration: essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship*. New York: Russell Sage Foundation,
- SALA, G. A. 2005. *Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil*. (2005). 243p f. (Doutorado) - Departamento de Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SANDERS, J.; NEE, V. 1987. Limits of ethnic solidarity in the enclave economy. *American sociological review* [S.I.], v. 52, n. 6, p. 745-773.
- SILVA, S. 1998. Costureiros hoje e oficinas amanhã? indagações sobre a questão da mobilidade econômica e social entre os imigrantes bolivianos em São Paulo. ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 1. Curitiba, novembro 1997. *Anais... Curitiba* [S.I.], p. 383-394.
- _____. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados* [S.I.], v. 20, p. 157-170, 2006.
- SOARES, S. 2000. O perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. *IPEA, texto para discussão* 769 [S.I.].
- VAN TUBERGEN, F. 2004. et al. The economic incorporation of immigrants in 18 western societies: origin, destination, and community effects. *American Sociological Review* [S.I.], v. 69, n. 5, p. 704-727.
- VILELA, Elaine M. 2002. *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico: os jogos de identidades*. (2002). (Mestrado) - Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- _____. *Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro*. (2008). 166p f. (Doutorado) - Departamento de Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- _____. Alguns determinantes de estratificação dos imigrantes internacionais recentes no mercado de trabalho brasileiro. In: NEVES, J. A. B. (Ed.). *Educação, trabalho e desigualdade social*. Belo Horizonte: Argvmentvn, 2009. p. 96-130.
- _____. Desigualdade e discriminação no mercado de trabalho brasileiro: o caso dos imigrantes internacionais. No prelo.
- WILSON, K.; MARTIN, W. 1982. Ethnic enclaves: A comparison of the Cuban and Black economies in Miami. *American Journal of Sociology* [S.I.], v. 88, n. 1, p. 135-160.
- WILSON, K.; PORTES, A. 1980. Immigrant enclaves: An analysis of the labor market experiences of Cubans in Miami. *American Journal of Sociology* [S.I.], v. 86, n. 2, p. 295-319.
- WRIGHT, E. O. 1978. Race, class and income inequality. *American Journal of Sociology* [S.I.], v. 83, n. 6, p. 1368-1397.
- _____. *Class structure and income determination*. Madison: Academic press, 1979.

ABSTRACT

The main objectives of this paper seek: a) to verify if there are groups of recent international immigrants, living in Brazil, with more chances of locating themselves in intermediate occupational strata when compared to Brazilians; b) to identify what groups of immigrants are these and what are the positions of greater concentration of these groups; c) to examine whether residing for a shorter amount of time in the host society positively affects the location of immigrants in the intermediate class positions. These ideas are based on Bonacich's (1973) discussions and her critics on the concentration of immigrants in a middleman position.

The results indicate that international immigrants, when compared to Brazilians, have

greater chances of positioning themselves in intermediate class positions. The class positions with the highest concentration of international immigrants are self-employed individuals and small businessmen and not workers in general. However, when we considered national origin, we found that there is some disproportion in the chances of the international immigrants locating themselves in intermediate positions. We emphasize that the fact of immigrants staying or having the intention of residing in a given location for a longer period of time, or even of permanently remaining in a given location, positively affects their chances of becoming self-employed workers or small businessmen, contradicting Bonacich's (1973) thesis.

KEYWORDS

International immigrants, national origin, intermediate class positions, length of residence.

SUBMETIDO EM

Novembro de 2010

APROVADO EM

Novembro de 2011

Elaine Meire Vilela

Professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Flavia Pereira Xavier

Professora assistente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins.